

A REINVIDICAÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA EM SITES DE RELACIONAMENTO: UMA ABORDAGEM DO PRINCÍPIO DA POLIDEZ

Lorena Santana Gonçalves*

Maria da Penha Pereira Lins**

Resumo: Depoimento de Orkut é um gênero em que a interação entre os participantes é feita a partir de um fator em comum: o dono do perfil. Este é tomado como objeto de discurso do depoente e categorizado de forma que o efeito da construção textual desse gênero corporifique a elaboração de face tanto do dono do perfil, quanto do “amigo” que cria o depoimento. A partir desse pressuposto, neste artigo, tratamos da construção de imagem social em depoimentos de Orkut, em que a categorização é entendida como um importante elemento da linguagem que contribui com a representação da imagem social. Para abordar essa questão, apoiamos-nos na teoria pragmática Leech (1983), que centra sua atenção na intenção do falante, que almeja sempre salvar sua face, a partir do uso de atos de polidez.

Palavras-chave: Construção de face. Pragmática. Depoimentos de Orkut.

Abstract: Orkut testimonial is a type of text genre in which the interaction between the users of this social networking website is made from a common factor: the owner of the profile. This owner is taken as the object of his/her “friend’s discourse” and he/she is categorized so that the effect of this text construction embodies the face-work of both the owner of the profile and his/her “friend” who has written the testimony. Based on this assumption, this paper focuses on the social image building in Orkut testimonials, in which the categorization is considered an important language feature that contributes to the representation of the social image. To understand the issues related to public image, this study presents an overview of Leech’s (1983) Pragmatic theory, which deal with this theme considering the face-work and linguistic politeness.

Keywords: Face-work. Pragmatics. Orkut testimonials.

Quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. (GOFFMAN, 1992, p. 21).

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil, ls.goncalves@hotmail.com

** Pós-doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e professora da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil, penhalins@terra.com.br

Em qualquer esfera de interação social, são traçadas algumas regras para que os participantes as sigam. Essas regras não são rígidas, mas se um participante quer ser aceito, deve segui-las.

Tais normas englobam o indivíduo como um todo: vão desde a forma de se vestir até os empregos linguísticos utilizados dentro do ambiente interacional proposto. Sendo assim, as pessoas se comportam buscando ser congruentes com as expectativas que têm de suas imagens públicas, em outras palavras, suas faces.

Logicamente, determinados regulamentos variam de cultura para cultura, e o esforço em tentar manter a face, definido como polidez, também é alterado.

O ato de comunicar está diretamente ligado às relações sociais, e a polidez é utilizada como estratégia de construção e preservação de face mediante essas relações; afirmamos que, no campo da Linguística Textual, as questões pragmáticas são consideradas de profunda importância, uma vez que são pistas das intenções comunicativas dos sujeitos. Em outras palavras, referem-se ao projeto de dizer dos indivíduos contextualmente inseridos, que constroem seu discurso em conformidade com a imagem que pretendem construir perante seu meio social.

Em seu livro *Principles of pragmatics*, embasado nos estudos de Searle (1984) sobre os atos ilocucionários, e sobre implicaturas conversacionais de Grice (1982); Leech (1983) desenvolve sua visão de pragmática, a partir do conceito de língua como um sistema de comunicação.

De acordo com o autor, na comunicação, há uma aproximação entre a retórica e a pragmática: ao comunicar, o falante é tido como alguém que busca alcançar seus objetivos comunicacionais de forma eficaz, porém sofre o constrangimento imposto pelo princípio da cooperação e pelas máximas conversacionais (Cf. Grice, 1982). Dessa forma, para desviar-se dos postulados griceanos de um bom comportamento comunicacional, existem outros princípios envolvidos na interação: o Princípio da Polidez (PP), o Princípio da Ironia (PI) e o Princípio do Gracejo (PG).

Focando na Polidez, Leech (1983) a explica como um fator pragmático importante nas interações, pois envolve questões sociais e psicológicas, não se restringindo apenas à questão de sentido pretendido e comunicado pelo falante. A polidez, dessa maneira, explica.

(1) por que as pessoas são tão indiretas quando querem comunicar algo; e

(2) qual a relação entre sentido e força ilocucional, quando se trata de sentenças não declarativas.

De forma geral, o princípio da polidez tem a função de “manter o equilíbrio social e as relações amigáveis, o que nos permite presumir que nossos interlocutores estão sendo cooperativos” (LEECH, 1983, p. 82).¹

Nesse contexto, há uma escala de polidez das elocuições, com um polo negativo e um polo positivo: há elocuições – ordens, por exemplo – que são inerentemente indelicadas; ao passo que há elocuições – ofertas, por exemplo – que são inerentemente educadas. Por isso, de acordo com o PP, existem duas formas de polidez: uma positiva e outra negativa. “Na sua forma negativa, a polidez tem função de minimizar as expressões impolidas; na sua forma positiva, a polidez tem função de maximizar as expressões polidas” (LEECH, 1983, p. 83-84).²

O termo “polido” é atribuído a normas culturais/comportamentais de determinadas comunidades.

As pessoas normalmente usam o termo “polido” em um sentido relativo, isto é, em relação a alguma norma de comportamento que, para um ambiente particular, eles consideram típica. Essa norma pode ser de uma determinada cultura ou comunidade linguística. Por exemplo, eu sempre escuto que poloneses, russos, etc., nunca são educados; também escuto que os chineses e os japoneses são muito educados em comparação aos europeus, e assim por diante. Esses comentários estereotipados são muitas vezes baseadas em evidências parciais, sendo, portanto, uma das tarefas da pragmática examinar a extensão social em que as comunidades linguísticas não diferem na aplicação do PP. (LEECH, 1983, p. 84).³

O que, na verdade, vai determinar o grau de polidez é a força ilocucionária do enunciado. Dessa maneira, são quatro as classificações principais, definidas pela

¹ As traduções deste artigo são de responsabilidade nossa: “The PP has a higher regulative role than this: to maintain the social equilibrium and the friendly relations which enable us to assume that our interlocutors are being cooperative in the first place” (LEECH, 1983, p. 82).

² “*Negative politeness therefore consists in minimizing the impoliteness of impolite illocutions, and positive politeness consists in maximizing the politeness of polite illocutions*” (LEECH, 1983, p. 83-84).

³ “*People typically use ‘polite’ in a relative sense: that is, relative to some norm of behavior which, for a particular setting, they regard as typical. The norm may be that of a particular culture or language community. For example, I have been seriously told that ‘Poles/ Russians/ etc. are never polite, and it is commonly said that ‘the Chinese and the Japanese are very polite in comparison with Europeans’ and so on. These stereotypic comments are often based on partial evidence, and one of the tasks of what I earlier called ‘social pragmatics’ is to examine the extent to which language communities do differ in their application of the PP*” (LEECH, 1983, p. 84).

relação entre a força do ato ilocucionário e o objetivo social pretendido pelo falante de estabelecer e/ou manter alguma relação com o ouvinte:

- a) competitiva: o objetivo do ato ilocucionário compete com a boa relação social. Ex.: ordens, pedidos, perguntas, etc.;
- b) de convivência: o objetivo do ato ilocucionário coincide com a boa relação social. Ex.: ofertas, convites, agradecimento, parabenização, etc.;
- c) colaborativa: o objetivo do ato ilocucionário é indiferente à boa relação social. Ex.: afirmação, relatos, anúncios, etc.;
- d) conflitiva: o objetivo do ato ilocucionário conflita com a boa relação social. Ex.: ameaças, acusações, repreensões, etc.

Dos cinco atos, os dois primeiros claramente envolvem polidez. Na categoria competitiva, a polidez é negativa: o PP é requerido para mitigar a descortesia intrínseca na competição entre o que o falante quer alcançar e o que são boas maneiras. Na categoria de convivência, pelo contrário, a polidez é positiva: o PP é requerido para buscar oportunidades na comunicação para ser polido.

Nas categorias colaborativa e conflitiva, a polidez, em grande parte, é irrelevante. Pois, na primeira, entra o discurso escrito; ao passo que, na segunda, a natureza do discurso é de causar ofensa.

Focando-se nas categorias conflitiva e de convivência, que correspondem às categorias de polidez negativa e polidez positiva, Leech (1983) relaciona esses tipos de polidez aos atos de fala (Searle, 1984). Para Isso, o autor explica a polidez como algo assimétrico:

o que é educado para o ouvinte ou para uma terceira parte será indelicado para o falante, e vice-versa. A justificativa para as máximas de polidez é que elas explicam tais assimetrias e suas consequências em termos de indiretividade. Explico isso com referência ao que talvez seja o tipo mais importante de polidez em comunidades de Inglês falado: o que é conhecido por operação da MÁXIMA DO TATO. (LEECH, 1983, p. 109).⁴

⁴ “What is polite with respect to *h* or to some third party will be impolite with respect to *s*, and vice versa. The justification for the maxims of politeness is precisely that they explain such *asymmetries*, and their consequences in terms of indirectness. I shall first of all explain this with reference to what is perhaps the most important kind of politeness in English speaking society: that which covered by the operation of the TACT MAXIM” (LEECH, 1983, p. 109).

A máxima do tato é a principal de um conjunto de máximas pertencentes a um comportamento educado, em que geralmente estão envolvidos dois participantes: o ouvinte (ou *Other*) e o falante (ou *Self*). Essas máximas são divididas em seis categorias do Princípio da Polidez, postuladas como um complemento às máximas conversacionais (GRICE, 1982), são elas:

1) máxima do tato:

- a) minimize a expressão de crenças que sugerem custo para o outro;
- b) maximize a expressão de crenças que sugerem benefício para o outro;

2) máxima da generosidade:

- a) minimize a expressão de benefício para si mesmo;
- b) maximize a expressão de custo para si mesmo;

3) máxima da aprovação:

- a) minimize a expressão de crenças que expressem desaprovação do outro;
- b) maximize a expressão de crenças que expressem aprovação do outro;

4) máxima da modéstia:

- a) minimize a expressão de elogio para si próprio;
- b) maximize a expressão de desaprovação para si mesmo;

5) máxima do acordo:

- a) minimize a expressão de discordância entre você e o outro;
- b) maximize a expressão de acordo entre você e o outro;


6) máxima da simpatia:

- a) minimize expressão de antipatia de você para o outro;
- b) maximize expressão de simpatia de você para o outro.

Aplica-se a máxima do tato às categorias diretiva e comissiva dos atos ilocucionais (ver p. 16). Refere-se, no contexto proposicional, a alguma ação a ser executada ou pelo ouvinte ou pelo falante, que pode ser avaliada em termos de custo e

benefício para ambos, segundo os postulados a seguir:

– Quanto mais benefícios há para o ouvinte, mais polida a frase imperativa é. Porém, quanto mais custos ao ouvinte, menos polida ela é. Ex.:

a) descasque essas batatas;		Menos polido/ custo para O
b) me empresta o jornal;		
c) sente-se;		
d) olha aquilo!		
e) aproveite seu feriado;		
f) coma outro sanduiche.		Mais polido/ benefício para O

– O grau de polidez aumenta quando se usar ilocuções indiretas, que tendem a ser mais polidas,

(1) porque elas aumentam os graus de opções, e
(2) porque quanto mais indiretas são, menor e mais provisória é sua força ilocucional” (LEECH, 1983, p. 109).⁵ Ex.:

- a) Atenda ao telefone;
- b) Eu quero que você atenda o telefone;
- c) Você vai atender o telefone?
- d) Você se importa de atender o telefone?
- e) Você poderia, por favor, atender o telefone?

Como podemos observar, a máxima do tato apresenta dois lados. Um lado negativo, em que se minimiza o custo (e aumenta o benefício) para o ouvinte; e um lado positivo, decorrente natural do primeiro: ao propor alguma ação benéfica para o

⁵ “*Indirect illocutions tend to be more polite (a) because they increase the degree of optionality, and (b) because the more indirect an illocution is, the more diminished and tentative its force tends to be*” (LEECH, 1983, p. 109).

ouvinte, o falante leva a locução para um viés positivo, assim, restringe a oportunidade do ouvinte de dizer não.

A máxima da generosidade também é aplicada às categorias diretiva e comissiva dos atos ilocucionais: minimiza-se o efeito de um pedido ao oferecer uma opção ao destinatário. Uma oferta, nesse caso, é polida, porque aparenta não ser um sacrifício para o falante; assim, torna-se menos impolido para o ouvinte aceitar. Observe os exemplos abaixo, de Leech (1983):

- a) você pode me emprestar o seu carro. (impolido);
- b) eu posso te emprestar meu carro;

- c) tem que vir e jantar conosco;
- d) a gente tem que ir e jantar com você. (impolido).

Os itens *b* e *c* são considerados exemplos de polidez, pois implicam um benefício para o ouvinte e um custo para o falante; ao passo que nos exemplos *a* e *d* acontece o contrário, por isso são considerados impolidos.

Diferente das máximas do tato e da generosidade, a máxima da aprovação, considerada uma das máximas mais usuais, é comum às categorias assertiva e expressiva. Esses atos de fala apresentam menos diferenças no que se refere às culturas, pois são enunciações para valorizar o outro, num sentido de exaltação, contemplação, como na elocução:

“A sua apresentação estava marcante!. Muito bom trabalho”.

Já na máxima da modéstia, também comum aos atos expressivos e assertivos, o cuidado deve ser um pouco maior, pois a maneira como diferentes sociedades lidam com essa máxima diferencia-se bastante. Por exemplo, a forma como um americano recebe um elogio, é muito distinta da dos japoneses: os americanos simplesmente agradecem, ao passo que os japoneses negam o máximo possível, porque para eles a máxima da modéstia é muito forte. Questões como essa motivaram o autor a caracterizar essa máxima como assimétrica.

Para finalizar, restam-nos as máximas do acordo e da simpatia, comuns aos atos de fala assertivos. Visto que numa interação, o melhor é haver uma concordância,

mesmo que parcial, e um direcionamento do discurso para algo que o ouvinte queira escutar; assim, o falante não se mostrará impolido, mas amigável, cortês. No fragmento a seguir, podemos notar um exemplo da máxima do acordo, em que **b** não concorda totalmente com **a**, mas, com a finalidade de ser polido, concorda inicialmente com ele, para em seguida apresentar seu ponto de vista:

- a) Inglês é uma língua muito difícil de se aprender!
- b) Verdade. Mas a gramática é um tanto fácil.

Já no exemplo a seguir, referente à máxima da simpatia, Leech (1983) mostra que não apenas felicitações, mas condolências também pertencem a essa máxima.

“Minhas condolências sobre a morte de seu gato”.

Consideramos importante ressaltar que essas máximas não possuem o mesmo peso numa interação. Para Leech (1983), a máxima do tato é mais importante que a da aprovação, e a máxima da aprovação é mais importante que a da modéstia. Segundo o autor, isso

reflete uma lei mais geral de que a polidez é mais focada nos outros do que no *self*. Além disso, dentro de cada máxima, a submáxima b parece ser menos importante do que a submáxima a; isso ilustra novamente a lei mais geral que a polidez negativa (para evitar a discordância) é uma consideração mais forte do que polidez positiva (buscar a concordância). Uma diferença ainda mais importante que devemos notar, embora não se reflita na forma das máximas é: polidez para o destinatário é geralmente mais importante do que a polidez para com terceiros. (LEECH, 1983, p.133).⁶

Apesar da postulação dessas regras de polidez, Leech (1983) explica que devemos ter em mente que as máximas não são regras absolutas, que elas devem ser observadas até determinado momento. Caso uma pessoa fique, por exemplo, seguindo constantemente a submáxima “maximize desprezo por si”, ela tornar-se-á entediante: ficará a todo o momento se autodenegrindo, além de ser julgada como insincera.

⁶ “reflects a more general law that politeness is focused more strongly on other than on self. Moreover, within each maxim, sub-maxim (b) seems to be less important than sub-maxim (a), and this again illustrates the more general law that negative politeness (avoidance of discord) is a more weighty consideration than positive politeness (seeking concord). One further difference in importance should be noted, although it is not reflected in the form of the maxims: politeness towards an addressee is generally more important than politeness towards a third party” (LEECH, 1983, p.133).

Nesse contexto, a máxima da qualidade (GRICE, 1982) torna-se importante, pois restringe o falante de ser muito modesto.

Ao focarmos essa teoria em ambientes interacionais *online*, selecionamos o gênero depoimento de Orkut. Essa modalidade textual construída por um amigo do dono do perfil por espontânea vontade, de forma curta (até 1024 caracteres), com escrita de caráter informal, apresenta um viés emocional, de compartilhar a admiração que o “amigo” sente pelo dono do perfil e/ou relembrar algum momento marcante com ele; o que o torna, predominantemente, dentro da tipologia textual, narrativo ou descritivo.

Os depoimentos selecionados são construídos de modo a exaltar as qualidades positivas do dono do perfil. Quem criou cada depoimento visou mostrar, de forma subjetiva, qualidades e virtudes do dono do perfil.

Nayara é a pessoa mais inverossímil que já conheci. Às vezes, penso que ela nem existe, que não passa de uma fantasia minha, um delírio. Cinco anos atrás, quando ainda não a conhecia, se me dissessem dela, de como é, de como age e de como pensa; de sua doçura contagiante, visível na meiguice do olhar e na suavidade do sorriso; da sabedoria despreziosa que tem dentro de si e nem sabe que tem; do seu caráter, sua generosidade e, o principal, a solidez de sua dignidade, se me dissessem que havia alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente, eu diria o óbvio: impossível, uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!

O melhor de tudo é que ela é bem real, mora no meu coração e deixou que eu me instalasse no dela. Te amo, Nayara!

FLAVIA B.

Hoje ela é uma fotografia de 24 anos em 3D... Parece uma figura em movimento. Ou quem sabe algo que nos exprime uma profunda percepção dentro do que cada olhar curioso pode contemplar. Quero compartilhar com vcs que a Flavinha é praticamente o retrato do mais profundo sonho que alguém pode viver... Pois Caminhar com a amizade dela nos faz perceber que sim. A vida pode ser uma constante apresentação do melhor que a sua alma e Espírito podem exprimir em qualquer oportunidade.

Uau... FALVINHA! Ahaha... Gosto de dizer que ela é o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para. Gente que por si só representa toda a sintonia necessária para que os seus dias sejam intensos ao ponto de influenciar a alegria de quem está com ela... Creio que por é sua vibrante energia de vida que ela estremece todos aqueles que insaciavelmente observam a nobreza de sua personalidade... Pode ser que alguém a traduza como ÚNICA... Ou apenas como muito, mas MUITO ESPECIAL.

..... : Marina... senhorita sorriso! Fala sério, a moça mais bom-humor do mundo. É uma ótima companhia para os rocks, papos sérios ou sem noção, enfim. Está sendo um prazer conhecê-la melhor, que a nossa convivência seja sempre enriquecedora e divertida. Sucesso e felicidades, beijão Meméééééééééé!

Nos três depoimentos, é recorrente uma construção textual baseada na categorização do referente de forma socialmente positiva, ou seja, por meio de exaltação de qualidades e valores morais, conforme uma determinada comunidade. Isso porque, no momento em que terceiros leem o depoimento,

se conhecem o indivíduo ou estão informados a respeito dele, em virtude de uma experiência anterior à interação podem confiar nas suposições relativas à persistência e generalidade dos traços psicológicos, como de predizer-lhes o comportamento presente e futuro. (GOFFMAN, 1992, p. 11).

Dessa maneira, os depoimentos se configuram a partir da emissão de atos de fala que corporificam uma representação socializada do dono do perfil, isto é, “moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 1992, p. 40).

Ao analisarmos como funcionam esses depoimentos na perspectiva de Leech (1983), entendemo-los como atos ilocucionários, cujo objetivo é a boa relação social entre os interactantes, instaurada a partir de afirmações e descrições sobre o dono do perfil, feitas pelo amigo que cria o depoimento. Por isso, esses depoimentos são atos de fala colaborativos em que ocorre a polidez positiva (LEECH, 1983), cuja função é maximizar expressões polidas.

Essas expressões polidas, como já explicadas, são analisadas em termos de custo e benefício para o ouvinte. Nos depoimentos acima, portanto, observamos o respeito a duas máximas de Leech (1983) que vogam benefícios para o ouvinte: máxima da aprovação e máxima da simpatia.

A máxima da aprovação, como já explicado, postula a maximização de expressões que aprovem ouvinte (dono do perfil) e a máxima da simpatia sugere expressões que maximizem a simpatia pelo outro. Nessa categoria, acontece o casamento entre as duas, uma vez que, ao categorizar o dono do perfil de forma

positiva, o amigo está explicitando sua aprovação por ele, a qual é consequência de admiração e simpatia que tem, ou vice-versa.

(27) “*se me dissessem que havia **alguém com todas essas virtudes e nenhum vício, a não ser o de amar desbragadamente**, eu diria o óbvio: impossível, **uma criatura assim não existe senão no reino da fantasia e dos delírios!**” (Depoimento 1).*

(28) “*Gosto de dizer que ela é o tipo de pessoa em que pra ela o “MUNDO” para.*” (Depoimento 2).

(29) “*Fala sério, a moça mais bom-humor do mundo.*” (Depoimento 3).

Nesse contexto, podemos concluir uma terceira máxima, a do acordo (LEECH, 1983), a qual postula a maximização de acordo entre falante e ouvinte. O depoimento é a corporificação de uma admiração e aprovação do amigo pelo dono do perfil, sendo assim, o dono do perfil concorda com ele e por isso publica em sua página, caso contrário não o faria.

Dessa maneira, o amigo lança mão de diversas (re)categorizações, que são utilizadas em estratégias de polidez lançando impressões de que admira o dono do perfil – máxima da aprovação e da simpatia (LEECH, 1983).

Afirmamos, então, que um dos efeitos da construção textual do gênero depoimento de Orkut é a elaboração de imagem social positiva tanto do dono do perfil, quanto do amigo que cria o depoimento, pois o amigo consegue compartilhar publicamente uma mensagem a partir da polidez positiva: “maximizar as expressões polidas” (LEECH, 1983, p. 83-84).

Referências

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *A revolução da linguagem*. Tradução de Ricardo Quintana, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSCARELLI, C. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Santa Catarina, v. 3, n. 2, p. 100-121, 2007.

FIRMINO, J. C. F. Formas Associativas existentes nas salas de Bate-papo. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 39- 47.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santo Raposo. Petrópolis: Vozes, 1992.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística: Pragmática*. V.8. Campinas, 1982 [1975].

KASTRUP, V. Novas tecnologias cognitivas: o obstáculo e a invenção. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierry Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 13-20.

LEECH, G. *Principles of pragmatics*. London: Longman, 1983.

LÉVY, P. *O que é virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2001.

MOTTA, L.G. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. n. 28, São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/16836>>. Acesso em:

SEARLE, J. R. *Os atos de fala: um ensaio de filosofia da Linguagem*. Tradução de Carlos Vogt. Coimbra: Almedina, 1984 [1969].

WEEDWOOD, B. *História concisa da lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. E-fórum na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 30- 38.

YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.